

FAM da Universidade

Realizado de 5 a 12 de junho, o Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM) reuniu, pela primeira vez na UFSC, cerca de 1.400 pessoas a cada noite. A Universidade foi aprovada pelo público e organizadores para sediar o próximo evento. **p. 12**



Foto: Divulgação

Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal

Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Julho de 2009 - N° 402

Fita cada vez melhor

Festival Internacional de Teatro de Animação de Florianópolis (Fita) movimentou a UFSC, teatros e as ruas da Capital. Cerca de 20 mil pessoas conferiram os espetáculos nacionais, europeus e

latinoamericanos. O evento também valeu como oficina para os alunos de Artes Cênicas da UFSC e da Udesc, que puderam participar de sua produção e de espetáculo organizado por eles. **p. 8**

Foto: Divulgação



O *Sonho de Natanael*, do grupo Cirquinho do Revirado, de Criciúma, fez uso da técnica de luva e manipulação de objetos

A ciência da UFSC de cara nova na Amazônia

Com investimento de R\$ 14 milhões anuais em bolsas de iniciação científica, a UFSC apoia a participação de jovens pesquisadores na 61ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que acontece em Manaus (AM), de 11 a 16 de julho. Os estudantes foram selecionados

como destaques no 18º Seminário de Iniciação Científica e mostrarão no maior encontro científico da América Latina como, já a partir da graduação, a pesquisa enriquece o processo pedagógico e colabora com o crescimento pessoal e profissional. **p. 6 e 7**

Meio ambiente

Instituto para refrigeração
p. 5

Segurança

Ideias contra a indiferença
p. 9

Lei

Parceiros para a inovação
p. 10

Viver

Campus sem doenças
p. 4

Leitura

Livraria homenageia presidente da Academia
p. 11

Do Editor

Inovação é lei

"Apesar da crise, existem no Governo Federal, bem como em alguns Estados, claros sinais e indicadores concretos que mostram que a CT&I forma parte de políticas de Estado" (Hernan Chaimovick, vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências)

Aprovada pela Assembleia Legislativa e "adormecida" desde janeiro de 2008 à espera do melhor momento político e econômico, finalmente o governador assinou a Lei Catarinense de Inovação. O ato, presenciado pelo ministro Sérgio Rezende (MCT), é paradigmático para a atividade científica no Estado, pois estreita, na teoria e na prática, os laços entre a academia e o empresariado. Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por exemplo, deverá revitalizar a desgastada parceria da comunidade científica com o setor produtivo.

Ao vislumbrar perspectivas para o cumprimento da Constituição Estadual, deverá multiplicar os investimentos no setor, legalizando e ampliando as parcerias público-privadas. O novo marco regulatório tende ainda a injetar oxigênio nas fragilizadas fundações de apoio à pesquisa, que, após saneadas e recredenciadas pelo Conselho Universitário, voltam a respirar no Campus. Numa conjuntura mais elástica, a Lei da Inovação Catarinense redimensiona o cenário de atuação da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica (Fapesc) e da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). A Constituição manda aplicar 2% da arrecadação líquida de impostos do Estado em CT&I, assegurando 1% para cada área.

Significa que, nos valores do orçamento atual, o setor teria direito a R\$ 180 milhões, isto é, R\$ 90 milhões para pesquisa agropecuária e outros tantos para a pesquisa científica e tecnológica. A regulamentação da Lei sinaliza a vontade política do governo. Descentralizada, desconcentrada e regionalizada, a ciência possibilitará o acesso ao conhecimento e à inovação, gerando emprego, renda e transformação social nas localidades onde o povo vive.

A torcida agora é para que a lei pegue, a despeito das desculpas da burocracia estatal que, sem pudor, costuma apelar para as turbulências do mercado e as catástrofes naturais como desculpas para violar a Carta.

Cabe à comunidade científica ir além da torcida. Se ficar quieta, a letra será morta!

A CT&I, guindada à Política de Estado por Lula, não sobrevive sem estar ancorada ao conceito de políticas públicas.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Nós somos a UFSC. Em 2010 a Universidade comemora cinco décadas. Você tem tudo a ver. Entre no www.50anos.ufsc.br e faça valer a sua sugestão.

Padaria ou jornal? Os ministros do Supremo compraram por 8 a 1 os argumentos falaciosos das empresas e derrubaram a exigência do diploma para jornalista. A decisão precariza a categoria, fragiliza a democracia, ameaça a qualidade dos meios de comunicação, divide sindicatos e entidades representativas, instala o caos nos cursos de Jornalismo, enlouquece os profissionais, professores e alunos e, pior de tudo, coloca em jogo a ética e a responsabilidade social da imprensa.

Federação dos Jornalistas (Fenaj) e Associação Brasileira de Imprensa (ABI) vencidas, não dou cinco anos para a *Folha*, *Globo* e Associação Nacional dos Jornais (ANJ) pedirem água potável. A precipitação do Poder, feita falsamente contra "entulhos" da ditadura, mostrar-se-á um tiro no pé, e, então, a formação profissional dará a volta por cima.

Afinal, algo terá de ser feito para substituir o vazio criado com o enterro da Lei de Imprensa e a extinção da regulamentação da profissão.



A insustentável mobilidade do ser. Pesquisa da Universidade de Brasília, aliás uma das cidades escolhidas como sede da Copa do Mundo de 2014, mostra que Florianópolis tem o segundo pior índice de mobilidade do mundo, só perdendo para Phuket, na Tailândia.

Oh, céus! Deus e o diabo andaram inspirando, juntos, os ganhadores do Prêmio Cruz e Sousa. Como romance nacional venceu *O Senhor da Palavra*, de Ruy Reis Tapioca; na categoria catarinense ganhou *Cruz do Campo*, de Abelardo da Costa Arante Júnior.

Prevenção à Aids. Não seria o caso de o Ministério da Saúde tornar permanente a campanha "Bom de cama é quem usa camisinha"?

Assim não dá! Quando a gestão Prata-Paraná deu as respostas, as perguntas já eram outras.

Revelação. O ex-reitor da UFSC, Antônio Diomário de Queiroz, fez a mesma rota do airbus da Air France. Atravessou as turbulências dez minutos depois retornando de Paris, onde participou do detalhamento da vinda da Escola Nacional de Administração da França para SC. O comandante da aeronave comentou com a tripulação sobre o clarão que viu no meio do nada.

Formigueiro. Denúncia de saudita contra árabe que matou formiga foi aceita pela Justiça. O crime, proibido pelo Islã, está amparado nos versículos de Maomé no Corão. Já imaginou se essa onda pega no Campus? É um filão!

Frase

A contribuição que nós, escritores, temos para dar é tornar visíveis as verdadeiras tragédias que acontecem logo depois das que vemos pela televisão (*Nadine Gardimer, Prêmio Nobel de Literatura, da África do Sul*)

Memória

A foto mostra formandas do Curso de Serviço Social do ano de 1977. A imagem faz parte do projeto *Serviço Social em Revista: 50 anos do Curso de Serviço Social da UFSC*.

80 cabeças. O livro *Imagem viva da luta*, publicado agora pelo Sintufsc, eterniza, através de fragmentos da memória individual e coletiva, o cotidiano e a história da militância em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade. São textos, fotos e ilustrações capazes de recuperar a auto-estima de parte da categoria. A obra remete a *Corpo de luta*, editada em 2005, celebrando a resistência. Calma! Uma capa de livro comporta uma quantidade limitada de cabeças. Portanto, sobraram fotos de militantes porque faltaram capas! No próximo livro, certamente, mudarão o cabeça e as cabeças... O importante é que a obra tomou anônimos públicos e que cabeças não rolarão!



Outro mundo. A USP, instituição conservadora de respeito, está na encruzilhada. A greve, tratada como caso de polícia, expõe suas vísceras. A maior universidade da América Latina parece ainda não ter aprendido o que é democracia.

Foto: Arquivo Agecom



Expediente

Elaborado pela Agecom - Agência de Comunicação da UFSC

Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:

Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/ Redação:

Artemio R. de Souza (Jornalista)
Alita Diana (Jornalista)
Arley Reis (Jornalista)
Andréia Compagnoni Lubini (Bolsista)
Celita Campos (Jornalista)
Erich Casagrande (Bolsista)
José A. de Souza (Jornalista)
Júlio Ettore do Nascimento (Bolsista)
Mara Paiva (Jornalista)
Margareth Rossi (Jornalista)
Mária Luiza de Oliveira Gil (Bolsista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Paulo da Rocha Azevedo (Bolsista)
Tiago de Carvalho Pereira (Bolsista)

Fotografia:

Jones J. Bastos

Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry

Tania Regina de Souza

Editores e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr

Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)

Beatriz S. Prado (Expediente)

Rogéria D'El Rei S. S. Martins

Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Jofafe Comunicação e Marketing Ltda



Recriação

Deus suspirou. Estava cansado. Há bilhões de anos, quando era mais jovem e ambicioso, a idéia de criar um Universo não Lhe parecia absurda. Agora se arrependia. O empreendimento fugira ao Seu controle. Não conseguia se lembrar mais nem de quantas luas tinha Saturno. Estava, definitivamente, ficando velho.

Olhou em volta da mesa de reuniões. Sua presença ali era dispensável. Como Diretor-Presidente tinha a última palavra, mas as decisões eram tomadas pela Sua assessoria. Aqueles jovens tecnocratas pensavam que tinham a resposta para tudo. Queriam tornar o Seu projeto mais moderno e dinâmico. Mas trabalho mesmo fora o d'Ele. Criara tudo literalmente do nada. Quando eles nem eram nascidos. Mas paciência. Precisava acompanhar os tempos. Mandou que comessem os trabalhos, vetando a proposta do assessor de RP para que todos se unissem numa oração. Odiava o puxaquismo.

- Quanto tempo levará a Recriação? - perguntou.

O coordenador do projeto hesitou. O Velho, como sempre, queria respostas simples e diretas. Com Ele era tudo luz, luz, trevas, trevas. Mas as coisas não eram mais tão simples. O Diretor da Divisão de Obras interveio.

- Precisamos fazer uma análise de custos. Depois um organograma, um fluxograma, um...

- Eu fiz tudo em seis dias - interrompeu o Diretor-Presidente. - E sozinho. Só descansei no domingo. No meu tempo não existia semana inglesa.

Lá vinha Ele outra vez com suas reminiscências. Ninguém negava o Seu valor. Mas o tempo dos pioneiros já passara. Agora era o tempo dos técnicos. Dos gerentes. Dos especialistas.

- Acho que devíamos começar fe-

chando a Terra - arriscou o Diretor Financeiro.

Aquele era um assunto delicado. O Velho tinha uma predileção especial pela Terra. Inclusive por questões familiares. Mas Ele ficou em silêncio. O Diretor Financeiro continuou:

- Acho que a Terra já deu o que tinha que dar. Todos os seus recursos estão esgotados. Não é mais rentável. Não há como recuperá-la. Devemos acabar com ela antes que comprometa todo o Grupo.

- Você quer dizer simplesmente... liquidá-la?

- Isso. Duvido que algum outro grupo quisesse comprá-la.

Mesmo um grupo árabe. Nosso representante lá, o papa, receberia uma indenização, claro. Ou seria chamado para cá. Não vejo problemas maiores. E teríamos o que descontar no imposto de renda...

O assessor de RP mostrou alguma preocupação.

- Em termos de imagem, pegaria mal.

- Por quê? - perguntou o Diretor de Planejamento e Pesquisa - Já eliminamos milhões de outros planetas, alguns bem maiores. Não passa um dia sem demolirmos uma estrela.

- Sei não, sei não...

- Administrar um Universo é um processo aéreo, meu caro.

Temos um projeto a cumprir, metas a serem alcançadas. Não podemos ficar nos preocupando com cada planinha...

- O problema foi o tipo de coloniza-



ção escolhido para a Terra - observou o Diretor Financeiro, olhando com o rabo dos olhos para o Velho. - Desde o começo, com o casal aquele, dava para ver que não ia dar certo. Muito ingênuos, sem iniciativa...

- Quem sabe - sugeriu o assessor de RP - se refaz a Terra em outros moldes, mais empresariais? Dias mais longos, para aumentar a produtividade e baixar a natalidade. Uma nova injeção de petróleo...

- Esqueça - disse o Diretor Financeiro. - A Terra não tem mais volta. Foi muito mal administrada. Está falida. Só estaríamos prolongando a sua agonia, com subsídios. Proponho o fechamento.

A proposta foi aprovada por maioria. Passaram a discutir o formato que teria o novo Universo. A idéia era aumentar a centralização, acabar com a expansão constante, para facilitar a administração, e cortar os custos da manutenção...

Na cabeceira da grande mesa, o Velho parecia dormir.

Luis Fernando Verríssimo

Jornalista e escritor

(Extraído do livro *A mãe de Freud*, publicado pela L&PM)

Uma marca para não esquecer

O que significa a chama verde que passa a ser a marca identificadora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - instituição que iniciará as suas atividades em março de 2010 nos três estados do sul?

Rica em significados, a marca imaginada pelo designer Vincenzo Berti, da Agência de Comunicação da UFSC, se inspira naquela que talvez tenha sido a primeira grande tecnologia humana, formadora das grandes mudanças e das grandes transformações que acompanharam a humanidade através de sua história. Ao estilizar a chama, no entanto, partindo-a em três labaredas que formam um todo, Berti escapa da obviedade do fogo para nos lembrar dos valores clássicos que historicamente arderam na pira das grandes universidades: a busca do belo, do verdadeiro e do justo, da arte, da ciência e da justiça.

O número três sempre esteve associado a uma grande variedade de sugestões religiosas, familiares, psicológicas e filosóficas. No caso das universidades com U maiúsculo, ela sempre esteve também associada ao tripé que distingue as universidades de verdade de simples faculdades ou escolas superiores: o ensino, a pesquisa e a extensão. A chama de Berti representa muito bem estas grandes funções da instituição universitária, claramente definidas na constituição brasileira, e que devem ser conduzidas de forma indissociável.

Impossível não reconhecer também na marca da UFFS as três categorias que necessariamente compõem a comunidade universitária: professores, alunos e técnicos, que juntos precisam assegurar a busca da arte, da ciência e da justiça, garantindo o exercício competente do ensino, da pesquisa e da extensão.

Não menos importante, cabe lembrar que a universidade terá os seus campi situados na região de fronteira dos três estados do sul. A chama tripartite da UFFS e a sua coloração verde reforçam este significado muito peculiar, manifestando a união dos três estados em torno deste importante projeto social e educacional, revelando desde já a sua preocupação com o meio ambiente e o desenvolvimento sustentado da região de campo e de fronteira.

Talvez inconscientemente, Berti nos mostra em sua chama que, embora nova, a UFFS se inspira fortemente na UFSC - instituição tutora e que dedica à implantação da UFFS parte significativa da energia de seu corpo docente e técnico, elaborando planos administrativos, formulando projetos pedagógicos e trabalhando pela sua viabilização política. Fica a impressão de que a chama da UFFS foi acesa na chama que encontramos no alto do brasão da UFSC, ganhando apenas novo desenho e novo formato em função do novo momento histórico e do novo espaço geográfico onde deverá arder.

Dilvo Ristoff

Presidente da Comissão de Implantação da UFFS



Anônimos e atuantes

Eles são anônimos, mas, se não existissem, milhares de pessoas não teriam a quem recorrer para pedir ajuda e vislumbrar uma solução para o seu drama. Hoje, existem 113.168 grupos de Alcoólicos Anônimos espalhados por 180 países, com mais de 4 milhões de indivíduos em processo de recuperação, segundo dados do site <http://www.aa.org>. O AA é definido como "uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças a fim de resolver o seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo". A criação da irmandade ocorreu há 74 anos, no dia 10 de junho de 1935.

Apesar disso, não é uma organização antialcoólica e não condena o uso social de bebidas de álcool. Na verdade, a irmandade enfatiza a abstenção por seus membros, porque os alcoólicos comprovaram não ter condições de administrar a maneira de beber e o seu comportamento quando bebem.

Para participar do AA, não é necessário pagar qualquer taxa ou mensalidade, e o único requisito é o desejo de parar de beber.

Os membros do AA têm por hábito divulgar as ações da irmandade em instituições de ensino, órgãos de governo, empresas públicas, hospitais, postos de saúde, polícia, Delegacia da Mulher e entidades associativas e de classe. Esse trabalho é fundamental para atrair interessados, que participam de reuniões onde cada um fala de sua convivência com o alcoolismo, as conseqüências do vício nas relações familiares e profissionais e a vontade de iniciar uma vida nova. Também há palestras e diálogos com médicos, estudantes de Medicina e outros profissionais que podem ajudá-los a vencer a dependência.

O que caracteriza os AA são os programas de recuperação sem internação, substituída por reuniões em grupo, realizadas diariamente, em três horários distintos, normalmente com equipes de 15 a 20 pessoas. É sempre assegurada

a privacidade das pessoas, tanto que jamais se divulga nome e endereço dos membros do grupo. No AA, não existe a pretensão de curar, mas de recuperar a pessoa e fazer estacionar a doença.

O alcoolismo é considerado uma doença desde 1950 pela Organização Mundial da Saúde. Trata-se, mais que isso, de uma doença grave, que pode acarretar uma série de distúrbios físicos e psicológicos e até levar à morte prematura. As recaídas de quem se recupera têm a ver com as dificuldades de abandonar o vício. Atualmente, o álcool é visto como um "gatilho" para a busca de outras substâncias tóxicas.

O Escritório de Serviços Locais de A. A. em Santa Catarina (ESL/Sede) fica na rua Conselheiro Mafra, 220 (edif. Desembargador Antero de Assis, 5º andar), em Florianópolis e pode ser contatado através dos telefones: (48) 3224-6713 e 3028-6713, no e-mail esl-desc@ig.com.br e nos sites www.aa-areasc.org.br e www.aa.org.

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Prevenção itinerante

UFSC e Unimed deflagram Programa Universidade Saudável no campus

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Em parceria com o Departamento de Medicina Preventiva da UFSC, a Pró-reitoria de Desenvolvimento Humano e Social (PRDHS) vai desenvolver uma série de ações no campus universitário com profissionais de saúde, dentro do Programa Universidade Saudável. As "blitz" vão realizar a verificação de pressão arterial, circunferência abdominal, índice de massa corporal, bioimpedância (avaliação da gordura e água corporal) e divulgação de programas de promoção e prevenção à saúde. Toda a comunidade universitária será beneficiada – docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes.

A primeira blitz será realizada no dia 14 de julho no Hospital Universitário, seguindo-se, até dezembro, ações no Centro Sócio-econômico (4 de agosto), Centro de Ciências Biológicas (1º de setembro), Centro de Ciências da Saúde (6 de outubro), Centro de Comunicação e Expressão (4 de novembro) e Centro Tecnológico (1º de dezembro).

De acordo com a gerente do De-

partamento de Medicina Preventiva da Unimed, Sílvia Wallner, a intenção da operadora é se aproximar dos clientes, que costumam ter contato com a Unimed apenas na hora de fazer consultas e exames. A empresa faz isso, de maneira gratuita, com todas as corporações e instituições que atende, realizando também palestras educativas, cursos para gestantes e ações de medicina preventiva, visando a disseminar hábitos saudáveis e a busca de mais qualidade de vida.

Na UFSC, uma atividade bem-sucedida ocorreu no Dia Mundial de Combate ao Tabagismo, no início de junho, quando foram atendidas cerca de 100 pessoas na Praça da Cidadania, em frente ao prédio da Reitoria.

Segundo o diretor do Departamento de Desenvolvimento de Atenção Social e à Saúde (DDAS) da PRDHS, Marcelo Fontanella Webster, o calendário do programa está pronto até o final do ano, mas deve ser mantido e atender a outros centros a partir de março de 2010. "Não há uma obrigatoriedade, mas um trabalho de parceria com a Unimed que pretendemos que seja contínuo, atendendo a toda a Universidade", diz ele.



Ações no campus devem difundir hábitos de prevenção contra doenças

Fotos: Divulgação



Trabalho com segurança

Objetivo é antecipar riscos de doenças e acidentes no ambiente profissional, avaliar e propor medidas corretivas

Andréia Lubini
Bolsista de Jornalismo na Agecom

O Departamento de Atenção Social e à Saúde da UFSC vem executando projetos importantes neste ano de 2009. A Divisão de Saúde e Segurança do Trabalho, por exemplo, está implementando um Programa de Prevenção de Riscos no Ambiente de Trabalho. Durante o mês de março, o projeto esteve em fase piloto no Restaurante Universitário e posteriormente foi estendido para outros setores da universidade. Segundo o diretor do DDAS, Marcelo Fontanella Webster, o objetivo é antecipar riscos de doenças e acidentes no ambiente profissional, avaliar e propor medidas corretivas e informar os servidores a respeito

dos problemas que possam enfrentar em suas atividades funcionais.

Em 2008, a Divisão de Segurança do Trabalho realizou 132 análises de acidentes em serviço na universidade. O DDAS investiga as causas do problema, indica as mudanças necessárias no ambiente e assegura que o servidor tenha seus direitos respeitados. Marcelo Webster destaca a importância de notificar os acidentes para que o departamento possa tomar as providências. Além da análise dos acidentes, o setor é encarregado das inspeções de rotina, avaliações de insalubridade e periculosidade e capacitação dos servidores em saúde, higiene e segurança do trabalho.

Orientação a aposentados – A Divisão de Serviço Social do DDAS preparou um projeto para acompanhar os servidores que estão em processo de aposentadoria. Segundo levantamento feito pelo setor, só nos dois primeiros meses deste ano 60 servidores se aposentaram. A assistente social Lucia Goreti Junkes diz que o objetivo do projeto é humanizar o processo de afastamento da instituição. As medidas envolvem avaliação de atividades pré e pós-aposentadoria, além da orientação sobre legislação e procedimentos administrativos.

A Divisão de Serviço Social participa do planejamento de projetos de outros departamentos, como a comissão de ingresso de servidores com necessidades especiais e a comissão de prevenção ao uso abusivo de drogas. As assistentes sociais também atendem individualmente servidores que necessitam de acompanhamento em questões familiares ou relacionadas ao trabalho. O DDAS fica localizado no térreo do prédio da Reitoria.



Foto: sxc.hu/Marcelo Terraza

Diploma de mérito contra drogas

O prêmio, instituído pela Secretaria Nacional de políticas sobre Drogas, reconhece o trabalho desenvolvido pela UFSC

Foto: James Tavares

O professor Cícero Barboza, Coordenador de Educação a Distância da Secretaria de Educação a Distância (SeaD) da UFSC, recebeu no fim de junho, em Brasília, o "Diploma de Mérito pela Valorização da Vida", edição de 2009.

A distinção é um reconhecimento aos três cursos de capacitação sobre prevenção ao uso indevido de drogas, desenvolvido pela SeaD em conjunto com a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) e com a Fundação de Amparo a Pesquisa e Extensão Universitária (Fapeu).

A distinção instituída pela Senad é referendada pelo Ministro de Estado Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e Presidente do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas, em reconhecimento a personalidades e instituições nacionais e estrangeiras que contribuíram nas ações de implementação e fortalecimento da Política Nacional sobre Drogas.

A UFSC recebe a comenda devido ao significativo trabalho realizado pela SeaD, que somente durante as duas últimas edições do curso atendeu 18 mil alunos em 3.189 municípios de diversas regiões do País. Para execução das ações a SEaD contou com o trabalho de 420 alunos/bolsistas de cursos de graduação e 20 alunos de cursos de pós-graduação, além de cinco professores e apoio técnico-administrativo de 36 funcionários contratados pela Fapeu.

Outras informações com o professor Cícero Barboza através dos telefones 3224-9088 e 9960-2277.



A UFSC já atendeu, com o curso de capacitação sobre o uso indevido de drogas, 18 mil alunos em 3.189 municípios do Brasil, através do trabalho de 420 alunos de graduação, 20 de pós-graduação, cinco professores e 36 trabalhadores técnico-administrativos

Tecnologia do frio

UFSC aprova Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia na área de refrigeração

Arley Reis
Jornalista na Agecom

A capacidade do homem de gerar frio para conservar alimentos foi uma revolução no século XX — e se tornou indispensável. Há décadas a geladeira é um equipamento fundamental para a sociedade moderna, servindo como indicador da qualidade de vida. Mas, sofisticados em seu design, os refrigeradores convencionais apresentam limitações que desafiam o avanço científico e tecnológico. A crise energética mundial e a preocupação ecológica também exigem sistemas mais eficientes e métodos alternativos de refrigeração. É nesse nicho que atua há mais de 20 anos uma equipe da UFSC aprovada no Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT).

Desenvolver soluções criativas e inovadoras em tecnologias de refrigeração é a missão do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Refrigeração e Termofísica, que receberá R\$ 4,8 milhões nos próximos três anos. Melhor compreensão e domínio dos fenômenos relacionados à produção de frio (com estudos sobre a física de transferência de calor, por exemplo) e desenvolvimento de novas aplicações e tecnologias são focos do trabalho que será coordenado pela equipe do Polo (Laboratório de Pesquisa em Refrigeração e Termofísica), ligado ao Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC. O setor reúne cerca de 100 pessoas, entre professores, pesquisadores, técnicos e estudantes.

Os desafios - A produção de sistemas de refrigeração mais eficientes do ponto de vista energético (produção de frio com menor consumo de energia elétrica) tem um forte apelo ambiental. As geladeiras estão presentes na grande maioria dos lares e, apesar de um consumo individual de energia relativamente baixo, têm participação importante na matriz energética nacional. A parcela de energia elétrica consumida pelo setor residencial em aplicações de refrigeração (essencialmente refrigeradores domésticos) é estimada em 8% da energia elétrica consumida no país.

Além disso, ainda hoje grande parte

da produção de frio é feita por compressão mecânica de vapor, uma tecnologia que existe há mais de um século. Desenvolver novas formas de gerar frio estão entre os desafios da equipe do Polo, que há anos atua em parceria com a indústria de refrigeração — e a partir do Instituto vai trabalhar com o Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (Cefet/SC) e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Inovações - Do ponto de vista teórico, uma ação estratégica para o grupo é aprofundar os conhecimentos em Física da Transferência de Calor. “Essa tem se destacado nos últimos anos como uma das mais importantes áreas da fronteira do conhecimento em engenharia e ciências térmicas”, destaca o professor Jader Barbosa, pesquisador do Polo. Ele explica que esse campo é fundamental para o desenvolvimento de novos materiais, novos processos de fabricação e tecnologias de conversão de energia. Isso porque propicia entendimento dos fenômenos elementares, em escala atômica, sobre os quais se fundamenta a transferência de calor, a base da refrigeração.

Do ponto de vista tecnológico, além de buscar o aprimoramento de diferentes componentes dos sistemas tradicionais de refrigeração, a equipe investiga novas formas de gerar frio. Entre elas, a refrigeração magnetocalórica, que se baseia na mudança de temperatura observada em alguns materiais quando submetidos a um campo magnético.

Apesar do efeito magnetocalórico ser conhecido há mais de um século, apenas recentemente, com a descoberta de ligas especiais, tem se tornado possível sua exploração em refrigeração perto da temperatura ambiente. Grupos de pesquisa nos Estados Unidos, Japão e França já desenvolveram protótipos de refrigeradores magnéticos. O primeiro protótipo de demonstração do Polo estará em funcionamento até o final do ano, acredita Jader. Ele explica que é por meio da colaboração com professores e pesquisadores do Laboratório de Materiais e do Departamento de Física da UFSC que o Polo investiga diversos aspectos da refrigeração magnetocalórica, uma

tecnologia limpa, silenciosa e com grande potencial para redução de consumo de energia no futuro.

No contexto da tecnologia convencional de compressão de vapores, são também investigados novos fluidos refrigerantes. Os refrigeradores e os condicionadores de ar de automóveis, por exemplo, usam hidrofluorcarbonos (HFCs), gases de efeito-estufa, que podem contribuir para mudanças climáticas se escaparem para a atmosfera. A busca por fluidos refrigerantes que não agredam o meio ambiente e não contribuam para o aquecimento global tem motivado a pesquisa nesta área.

Entre os gases estudados está o dióxido de carbono (CO₂) e uma demonstração de seu potencial em sistemas de refrigeração foi feita nas Olimpíadas 2008, em Pequim, com o uso em refrigeradores para a venda de bebidas energéticas e refrigerantes. A tecnologia que foi para Pequim passou pelos laboratórios do Polo.

Metamorfose da geladeira - O domínio cada vez maior do conhecimento faz também com que os pesquisadores vislumbrem mudanças nos conceitos relacionados à refrigeração doméstica — e pensem em metamorfoses na clássica geladeira. Ao invés de reservar espaço para esse equipamento na cozinha, imagine gavetas refrigeradas em armários, atendendo a necessidade de diferentes temperaturas. Ao invés de um frigobar no quarto, gavetas resfriadas. Aplicações avançadas, como roupas e calçados com capacidade de resfriamento, são também vislumbradas, assim com o maior controle sobre o condicionamento de



Professor Jader Barbosa, pesquisador do Polo: estudos buscam fluidos refrigerantes que não agredam o meio ambiente nem contribuam com o aquecimento global

ambientes.

Outra demanda importante que o grupo busca atender é a necessidade de miniaturizar os sistemas de refrigeração. Como a alta temperatura é inimiga da eletrônica (quanto maiores os níveis de temperatura, menor o tempo de vida e menor a capacidade de processamento de um computador, por exemplo), entre os 15 laboratórios do Polo, um deles proporciona estudos para miniaturização de sistemas de refrigeração a partir do desenvolvimento e de ensaios de pequenos trocadores de calor para o resfriamento de componentes como chips de computadores.

Atrair para o Polo pesquisadores nacionais e internacionais, gerando programas avançados de cooperação científica, e formar profissionais competentes e empreendedores são também metas do novo instituto. “A visão do grupo é ser referência na geração de conhecimentos avançados em refrigeração”, frisa o professor Alvaro Prata, pesquisador do Polo que em 2008 assumiu a reitoria da UFSC, mas não abriu mão de responder pela coordenação do novo instituto, formado a partir do grupo de pesquisa que ajudou a fundar há mais de 20 anos.



Refrigeração magnetocalórica, uma tecnologia limpa, silenciosa e com grande potencial para redução de consumo de energia no futuro é uma das alternativas em estudo pela equipe. Primeiro protótipo de demonstração deve estar pronto até o final do ano

Engenharia Mecânica em livro

Mara Paiva
Jornalista na Agecom

Com o objetivo de registrar a passagem dos 45 anos de existência do curso de graduação em Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Santa Catarina, um grupo de profissionais do próprio Departamento decidiu resgatar a história de sua implantação. O resultado do intenso trabalho de pesquisa está acessível a leitores e críticos na publicação *Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Santa Catarina. História e contribuições 1962-2008*. O professor Carlos Locatelli, do Curso de Jornalismo, é responsável pela organização da obra.

Dividido em oito capítulos, distribuídos de forma cronológica em 138 páginas, a publicação mostra os fatos e as pessoas importantes na construção dessa história. Repleto de informações e de registros fotográficos, o livro resgata acontecimentos que contribuíram de



forma decisiva para transformar a UFSC em uma instituição de excelência na área de Engenharia Mecânica.

A falta de registros documentais de eventos e fatos relevantes exigiu dos organizadores coletar as informações através da técnica de entrevistas com pessoas que fizeram parte da construção do Departamento. Para justificar essa ausência de registros, vale ressaltar que o curso foi o primeiro da área de engenharias a ser oferecido na UFSC e no Estado, com o primeiro vestibular realizado no ano de 1962, época que o ensino superior era uma atividade emergente em Santa Catarina.

Na parte final do livro é apresentado um perfil atual do Departamento de Engenharia Mecânica, com detalhes sobre os cursos de graduação, programas de pós-graduação, principais grupos, núcleos e laboratórios de ensino e pesquisa.

Jovens pesquisadores representam a UFSC na 61ª Reunião Anual da SBPC

Os seis estudantes inscritos foram os vencedores do Prêmio Destaques da Iniciação Científica 2008

Tiago Pereira

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Seis alunos de graduação representarão a UFSC no maior encontro científico da América Latina, a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Os estudantes participarão da 16ª Jornada de Iniciação Científica, que será realizada durante a Reunião da SBPC, de 12 a 17 de julho, em Manaus, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UFSC vai custear, além da inscrição, a hospedagem e o transporte dos

jovens pesquisadores.

Os estudantes inscritos para a SBPC foram vencedores do Prêmio Destaques da Iniciação Científica, entregue em abril. Bruna Ribeiro Mileo, Cristiane Regina Muller, Diego Barneche Rosado, Raphael Antônio de Camargo Serafim, Viviane Vieira e Diana Tremil apresentaram projetos na 18ª edição do Seminário de Iniciação Científica, realizado na UFSC em outubro de 2008. Pela qualidade de seus trabalhos, foram selecionados entre mais de 500 alunos contemplados com Bolsas de Iniciação à Pesquisa (BIP/UFSC) e do Programa Institucional de Bolsas de

Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) que participaram da mostra.

Com recursos do CNPq e da própria universidade, a UFSC investe cerca de 14 milhões anuais na iniciação científica, oferecendo cerca de 500 bolsas por ano. As bolsas permitem a participação dos acadêmicos em projetos de diferentes áreas e deflagram, em muitos casos, a carreira de pesquisador. O ambiente da SBPC, que reúne milhares de cientistas, professores, estudantes de graduação e de pós-graduação deve ser mais um incentivo ao grupo de jovens cientistas da UFSC.

Foto: Jones Bastos/Agecom



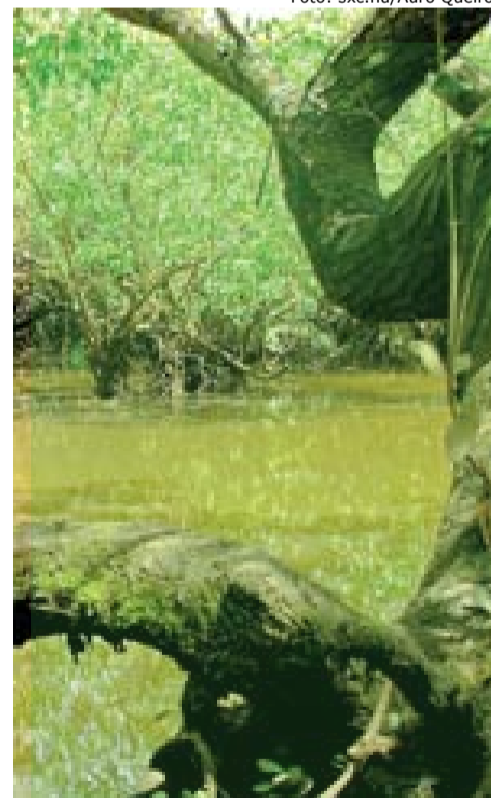
Os alunos foram selecionados dentre mais de 500 candidatos devido à qualidade de seus trabalhos

Zoneamento do Parque Ecológico Municipal de Palhoça

A pesquisa de Cristiane Regina Muller, do Curso de Geografia, teve como objetivo realizar a caracterização biogeográfica e levantar o histórico de criação do Parque Ecológico Municipal de Palhoça/SC, para elaborar uma proposta de zoneamento de acordo com a legislação ambiental vigente. Esta unidade de conservação engloba a maior parte dos manguezais do município de Palhoça/SC. No entanto, seu processo de implementação não foi concluído e a situação de conservação é problemática, em virtude da indefinição dos seus limites, da forte pressão de urbanização no entorno e sobre a área, que dificultam sua gestão.

Segundo a estudante, por meio do mapeamento foi possível observar que o manguezal apresentou uma redução de 44,070 hectares, correspondente à diminuição de aproximadamente 10% em relação à área original na época de criação da unidade de conservação. O estudo foi orientado pela professora Ângela da Veiga Beltrame, do Departamento de Geociências.

Foto: sxc.hu/Auro Queiroz



O mapeamento realizado no parque detectou que sua área teve uma redução de cerca de 10%, o que corresponde a mais de 44 hectares

Relações familiares para determinar estratégias reprodutivas

A estudante Viviane Vieira, do Curso de Psicologia, direcionou sua pesquisa de iniciação científica ao estudo das relações familiares, fazendo uma comparação entre famílias que moram na Capital e outras que vivem em cidades do interior de Santa Catarina. O objetivo foi identificar, por meio de questionários, como mães avaliavam seus ambientes de criação (físico, social e familiar) durante a infância, quais eram as características de seus relacionamentos na adolescência e quais as estratégias reprodutivas adotadas na idade adulta.

Participaram do estudo 50 mães residentes em três cidades catarinenses – Florianópolis e duas cidades do interior. O estudo mostrou que na capital as mães apresentam maior escolaridade e renda, assim como têm menos filhos. No interior, as participantes indicaram escolaridade menor e maior número de filhos e de parceiros amorosos.

Foi também possível identificar que o estresse familiar e as escassas condições materiais na infância têm reflexos no modo como as mulheres direcionam a sua formação familiar, incluindo número de parceiros, de filhos e espaçamento entre os nascimentos. Um relatório foi enviado para a cidade do interior oeste, descrevendo os resultados e recomendando políticas públicas direcionadas às relações entre mãe e criança, essenciais para o desenvolvimento do indivíduo. A pesquisa 'Investimento e cuidado parentais: aspectos biológicos, ecológicos e culturais' foi orientado pelo professor Mauro Luís Vieira, do Departamento de Psicologia.

O estudo identificou que o estresse familiar e as escassas condições materiais na infância têm reflexos no modo como as mulheres direcionam a sua formação familiar

Foto: sxc.hu/Scott Liddell



Continua

Aproveitamento do óleo da amêndoa de pêssego

O crescente interesse das indústrias farmacêuticas e alimentícias por produtos naturais motivou o trabalho de Bruna Ribeiro Mileo, do Curso de Engenharia de Alimentos, do Centro Tecnológico da UFSC. O projeto 'Avaliação de solventes e técnica de extração na obtenção do óleo de amêndoa do pêssego' foi direcionado ao principal resíduo do processamento dessa fruta, que é o seu caroço. Ele é constituído por uma amêndoa rica em óleo, mas normalmente é destinado à alimentação animal. Uma das maneiras de aproveitar este resíduo é extrair óleo da amêndoa.

O objetivo de Bruna em seu

projeto de iniciação científica foi avaliar a técnica de obtenção e uso de diferentes solventes no rendimento do óleo de amêndoa de pêssego. As técnicas de extração utilizadas foram convencionais (soxhlet, maceração com fracionamento e hidrodestilação), mas o trabalho foi também vinculado a um projeto de mestrado que estudou uma técnica alternativa, a extração supercrítica. Além disso, foi estudado o potencial aromatizante do óleo de amêndoa de pêssego em um alimento. O produto selecionado para a aplicação foi o sorvete. O trabalho foi orientado pelo professor Julian Martinez, do Departamento de Engenharia Química e Engenharia de Alimentos.

Dentre as pesquisas com o óleo de amêndoa de pêssego, foi estudado seu potencial aromatizante



Foto: sxc.hu/Gabriela González



Foto: Divulgação

O diagnóstico sobre as comunidades de peixes próximas a cinco ilhas catarinenses foi realizado através do projeto

Projeto Ilhas do Sul

O projeto que contou com a colaboração do estudante Diego Barneche Rosado, do Curso de Biologia (atualmente cursando Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ecologia da UFSC), possibilitou um diagnóstico sobre as comunidades de peixes próximas a cinco ilhas catarinenses. Foram realizados 89 mergulhos, entre dezembro de 2007 e abril de 2008, em 10 pontos localizados em cinco ilhas. Três pertencem à Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (Rebio) e são protegidas por lei (Ilha da Galé, Ilha Deserta e Ilha do Arvoredo) e duas não têm restrição explícita à pesca, mas são importantes patrimônios ecológicos (Ilha do Campeche e arquipélago das Ilhas de Moleques do Sul).

O projeto 'Estrutura da comunidade de peixes recifais de ilhas catarinenses costeiras, com ênfase em biogeografia e conservação' foi orientado pelo professor Sergio Ricardo Floeter, do Departamento de Ecologia e Zoologia. Utilizando o método de censo visual (contagem de indivíduos), o estudo não detectou diferenças significativas nos valores de biomassa de espécies-alvo de pesca entre ilhas localizadas na reserva e em outras sem proteção. "A quantidade atual de grandes predadores, como meros, garoupas e tubarões é muito baixa comparada ao existente nas décadas de 50 e 60, o que é muito preocupante", afirma Diego. A pesquisa alerta para o fato de que a fiscalização na Reserva Biológica Marinha do Arvoredo pode não estar contendo a pesca ilegal.

Transgênicos na indústria de alimentos

Na área de Ciências da Vida um dos destaques da iniciação científica foi a estudante Diana Tremel, do Curso de Engenharia de Alimentos, trabalho desenvolvido no Laboratório de Biologia Molecular do Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos. Sua pesquisa verificou se produtos que contêm soja e são comercializados em Florianópolis estão de acordo com o decreto brasileiro sobre rotulagem de organismos geneticamente modificados (OGM) em alimentos. Essa legislação estabelece que os produtos com mais de 1% de OGM devem trazer a informação no rótulo: "contém transgênico".

Foram analisadas 59 amostras não rotuladas: 47 produtos cárneos (mortadela, empanado, pre-

sunto e salsicha), além de 12 derivados de soja (proteína texturizada, extrato de soja e farinha de soja). Entre as amostras analisadas, 52 foram positivas para presença de soja e destas seis foram positivas para presença da soja Roundup Ready (RR), primeiro organismo geneticamente modificado liberado para produção e comercialização no Brasil.

Como a legislação exige a rotulagem quando os produtos contêm acima de 1% de OGM, as seis amostras positivas foram submetidas à quantificação. Após a análise foi verificado que apenas uma das amostras apresentava uma quantidade de soja RR superior a 1%, sendo necessária a sua rotulagem. O trabalho indica que a legislação referente à rotulagem de OGM está sendo cumprida pelas indústrias de alimentos. A pesquisa foi orientada pela professora Ana Carolina Maisonnave Arisi, do Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos.

Foram analisadas 59 amostras não rotuladas de produtos, como a salsicha, mortadela e presunto, além de derivados de soja; 52 continham soja e seis delas apresentaram resultado positivo para a soja transgênica



Foto: sxc.hu/Luiz Baltar

Nanopartículas de prata

O estudante do Curso de Química, Raphael Antônio de Camargo Serafim, direcionou sua iniciação científica ao estudo e preparação de materiais ferrofluidos de óxido de ferro e a sua impregnação em polímeros específicos (plásticos), proporcionando materiais para a indústria tecnológica. Os materiais poliméricos modificados podem ser empregados no tratamento do câncer e miomas uterinos, em técnicas conhecidas como embolização e magnetohipertermia. As nanopartículas de prata são estudadas como possibilidade de gerar uma terapia menos agressiva. Levadas com um cateter até o tumor, elas atuam de forma concentrada no local, evitando que células saudáveis sejam afetadas, como ocorre no tratamento como a quimioterapia.

O projeto também se valeu de resultados sobre a ação antimicrobiana dos materiais poliméricos impregnados por nanopartículas de prata, já que esse metal é um poderoso bactericida com ação potencializada quando em proporção nanométrica. Raphael desenvolveu

seu trabalho junto ao Laboratório de Síntese Inorgânica e Nanocompósitos (LabSiN), ligado ao Departamento de Química, com orientação do professor César Vitorio Franco. As análises e caracterizações essenciais foram realizadas em parceria com o Laboratório Central de Microscopia Eletrônica, Laboratório Interdisciplinar de Materiais e Laboratório de Microbiologia do Hospital Universitário.

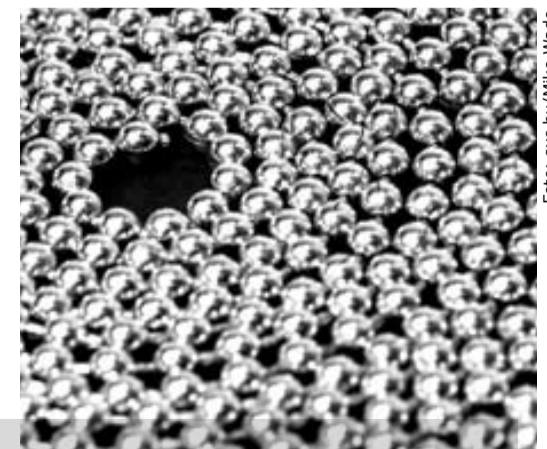


Foto: sxc.hu/Mike Wade

Prata: o estudo de suas nanopartículas aponta possibilidade de terapia menos agressiva contra o câncer

Animação de sobra!

FitaFloripa deste ano superou expectativas: 20 mil pessoas conferiram o evento, que já é conhecido internacionalmente

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Nem bem terminou a edição deste ano e a equipe que organiza o FitaFloripa já projeta as atrações e o conceito que vai balizar o Festival Internacional de Teatro de Animação de Florianópolis em 2010. O balanço deste ano é extremamente positivo, de acordo com Sassá Moretti, uma das coordenadoras, porque foram 20 mil espectadores, teatros lotados, uma grande participação das escolas e a necessidade de repetir sessões para atender a todo o público. Os espetáculos apresentados nas ruas também fizeram sucesso, levando a coordenadora a afirmar que "o Fita superou nossas expectativas e já tem o seu lugar na agenda da cidade".

A coordenadora executiva, Zélia Sabino, que é ligada ao Departamento Artístico Cultural da UFSC (DAC), sublinha que "o festival tem o mérito de trazer espetáculos feitos na Europa, América Latina e em outros estados que, sem o evento, passariam por cima da capital catarinense".

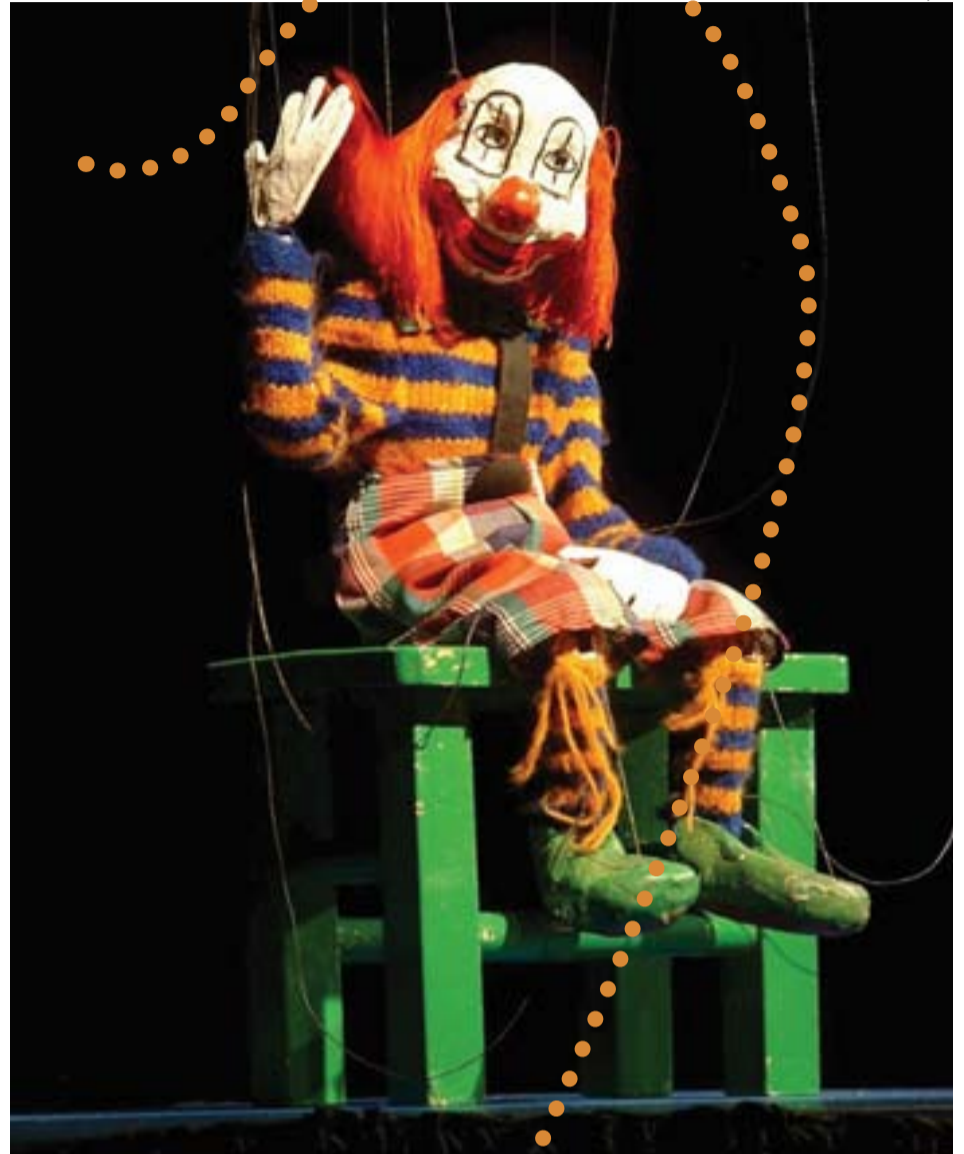
Além disso, com o envolvimento dos cursos de Artes Cênicas da Udesc e da UFSC, existe um desdobramento, um resultado que fica, ajudando a formar novos adeptos do teatro de bonecos e animação. "Os alunos desses cursos são nossos colaboradores e houve um espetáculo apresentado no Teatro da Uburo, no centro da cidade, cujo elenco era formado só por estudantes que estavam trabalhando na produção do festival", conta Sassá.

A coordenadora ressalta a importância do apoio das duas universidades, por meio de recursos, suporte e de infra-estrutura, e diz que sem os teatros da Uburo e Álvaro de Carvalho, cedidos pelo Estado, não seria possível realizar o festival. Foram 37 apresentações feitas em 13 espaços distintos (com destaque para o Centro de Cultura e Eventos da UFSC), a presença de 19 companhias, duas oficinas e uma ebulição que tomou conta de várias casas de espetáculos e das ruas da Grande Florianópolis.

Para o próximo ano, já há grupos do exterior interessados em vir a Florianópolis. "Eles gostam do lado humano, do carinho com que são recebidos, e também da presença maciça das escolas", informa Sassá Moretti. "As pessoas propagam o festival, falam umas para as outras, e por isso o evento já é conhecido fora do país. Houve até um grupo francês que insistiu para vir e que quer retornar nos próximos anos".

Em 2010, a vedete do Fita deverá ser o teatro de luvas, o mais simples, o ponto de partida para as demais formas animadas. "As pessoas colocam a luva na mão e saem brincando", explica Sassá. Outra meta da coordenadora é criar um calendário de pequenos eventos que circule pelas escolas o ano inteiro. O projeto Fazendo Fita nas Escolas é mais um sonho de Sassá, que começa a buscar patrocínio para ter, a cada semana, atividades voltadas para o teatro de bonecos, como oficinas e a disseminação da linguagem da animação junto às novas gerações.

Foto: Jaime Ayza



Escolas compareceram em peso, o que criou a necessidade de se repetir sessões para atender a todo o público

Foto: Paloma Gomez



Foto: Divulgação



Foram 37 apresentações de 19 companhias feitas em 13 espaços distintos, com destaque para o Centro de Cultura e Eventos da UFSC

"As pessoas colocam a luva na mão e saem brincando", conta uma das organizadoras do evento, Sassá Moretti. Motivos como esse devem fazer com que a próxima edição dê ênfase ao teatro de luvas

Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

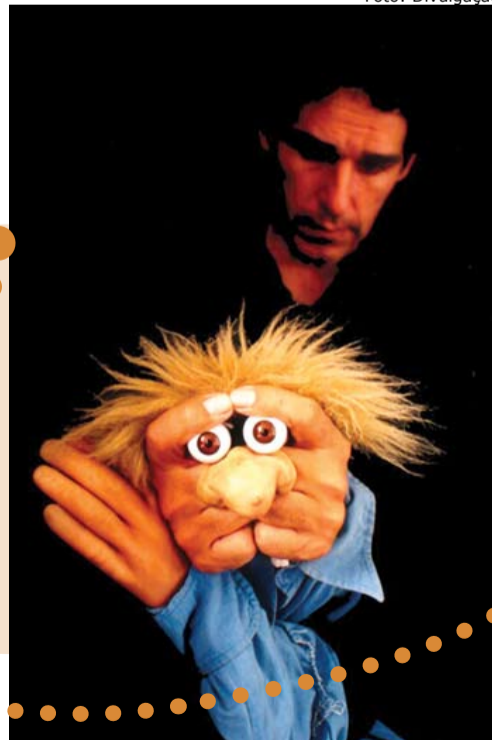
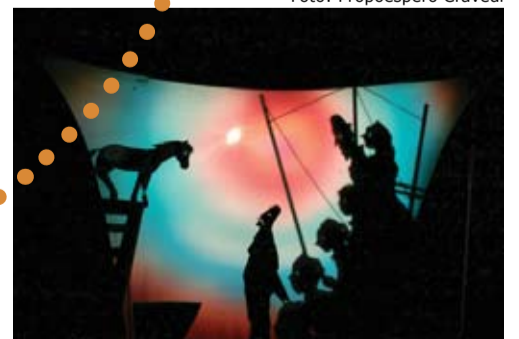
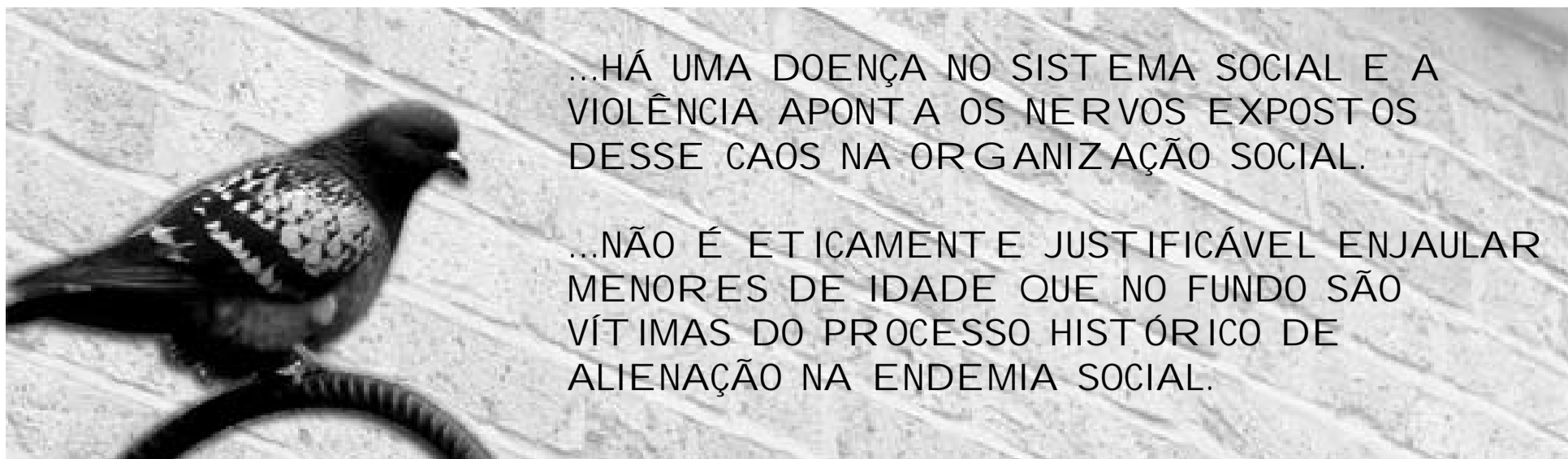


Foto: Cristine Rochol



Foto: Propoespero Cravedi





...HÁ UMA DOENÇA NO SISTEMA SOCIAL E A VIOLÊNCIA APONTA OS NERVOS EXPOSTOS DESSE CAOS NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL.

...NÃO É ETICAMENTE JUSTIFICÁVEL ENJAULAR MENORES DE IDADE QUE NO FUNDO SÃO VÍTIMAS DO PROCESSO HISTÓRICO DE ALIENAÇÃO NA ENDEMIASOCIAL.

Derrubar os muros da indiferença: uma opção na luta contra a violência

Mara Paiva
Jornalista na Agecom

Sirenes de viaturas, ambulâncias e rabeções integram o cotidiano das ruas de metrópoles e também das médias cidades brasileiras. São assaltos a bancos, furtos, roubos, homicídios, seqüestros, estupros. A busca por fórmulas que possam conter a barbárie é debatida por uma população insegura e temerosa, consciente de que a situação está fora de controle. O medo da sociedade aumenta ainda mais ao observar o mapeamento de ocorrências que indica uma alta incidência de furtos, agressões e comercialização de drogas nas proximidades e dentro das instituições de ensino. A Universidade Federal de Santa Catarina, contemporânea desta realidade, igualmente enfrenta e combate este tipo de violência dentro de seu campus.

Muitas iniciativas foram tomadas pela administração da UFSC para inibir a ocorrência de delitos no campus. A comunidade universitária também se mobilizou e, em 2001, criou um fórum específico com a participação das entidades e aberto às comunidades interna e externa. A partir de então houve diversos debates e surgiram muitas sugestões para reduzir a criminalidade e garantir segurança ao patrimônio físico e às cerca de 40 mil pessoas que circulam diariamente pela Universidade.

Entre as propostas apresentadas pela administração da UFSC está a construção de portões nos trevos de acesso e muros ao redor da instituição. Uma idéia polêmica por se tratar de uma universidade pública e, principalmente, que questiona segregações e discriminações de toda sorte. Outras ações menos polémicas, no entanto, foram implantadas. A mudança de enquadramento do serviço de segurança da UFSC do status de setor ao de departamento significou uma estratégia fundamental para aumentar o controle da situação no campus. Com esta medida se ampliou a capacidade de planejamento e execução de ações ao pessoal que atua na área, pois na condição de departamento passou a contar com rubrica orçamentária própria.

Como a maioria das instituições e empresas do Brasil, a UFSC passou a direcionar uma parcela maior do seu orçamento para investimentos voltados à segurança. Foram instaladas 195 câmeras de monitoramento em todo o campus e 260 centrais de sistemas de alarmes contra roubos. O sistema de iluminação recebeu melhorias com a instalação de 90 novos refletores nas áreas de maior risco, como o bosque do Planetário, as quadras do Centro de Desportos e os fundos do Restaurante Universitário. Também a aquisição de rádios comunicadores e de novos veículos para o patrulhamento, além da permissão do uso de equipamentos não letais, como bastão elétrico, algemas, colete a prova de bala e gás pimenta, significaram um avanço na luta contra o crime dentro do campus.

Apesar das medidas adotadas apontarem para uma queda nas ocorrências, a violência é um fenômeno em ascensão, principalmente na América Latina, e por isso exige ações mais

efetivas. É necessário estancar o mal em sua origem. Edmundo Lima de Arruda, professor de Direito da UFSC com pesquisas na área da sociologia do direito, define o crime como algo imanente a todo agrupamento social, seja ele primitivo ou de cunho sócio-industrial. Em sua avaliação, o contexto atual é por um lado fruto de fatores estruturais – exclusão ainda mais forte no plano social e corrupção endêmica na esfera política – mas por outro também reflete a desestruturação dos laços culturais da família, a perda das referências éticas, a ausência do pai. E, ainda, o efeito perverso da ausência de canais apropriados de canalização da energia da juventude em projetos de educação, inclusive física e moral. Ele acredita que há uma doença no sistema social e a violência aponta os nervos expostos desse caos na organização da sociedade.

No caso brasileiro, Arruda pondera que “desde Collor se criou essa situação autorizativa para os crimes, afinal, se o presidente da República transgredir, por que os simples mortais não deveriam fazê-lo? A falta de punição para as elites é também fator para o aumento da criminalidade. O problema é de organização social com capacidade para pressionar e obter novas correlações de força a seu favor”.

Em sua leitura, ele define que “as esquerdas tradicionais fracassam como vanguarda, não por não terem retaguarda, mas pela incapacidade de autocritica no sentido histórico. Mao Tse-Tung assassinou 70 milhões, Stálin 45 milhões, e a crítica somente se endereça ao capital, aos burgueses, como se não vivêssemos hoje, em termos de responsabilidade, o fruto de nossas ações, ou boa parte delas, no processo histórico da luta de classes”.

Arruda se declara convencido de que “se não houver uma aposta na democracia como valor a ser universalizado, numa ruptura com o cinismo de aposta em bolivarianismos à la Chavez, em romantismos como a democracia cubana, continuaremos a construir alternativas para a derrota”. No seu ponto de vista, “a violência que sofremos hoje não resulta somente da vontade política da direita, que está sempre no seu papel de ocultar, reprimir, planejar a violência”. Ele indica aos que se colocam nas fileiras socialistas que “um bom começo parece ser começar a acreditar na democracia e nas suas instituições, pois discursos desmoralizadores das mesmas só contribuem para a maior eficácia dos discursos neoliberais que vaticinam o mercado como a panacéia para tudo, e um mercado sem trabalho, um mercado que funda um novo escravismo. A justiça num mundo marcado por velhos e novos politeísmos não está na cabeça deste ou daquele grupo, mas na eficácia dos direitos fundamentais”.

Para o professor é ingenuidade considerar que os ditames do Consenso de Washington e as políticas consideradas neoliberais sejam responsáveis por todos os males. Mas ele declara não haver dúvidas de que “se contra a pré-modernidade o remédio chama-se Estado e se as políticas que a título de reduzirem o déficit

fiscal pressupõem cortes continuados nas áreas sociais, da educação à saúde, da previdência às de investimento no social, então é claro que este rearranjo de contas (políticas neoliberais), ao implicar na diminuição de projetos de desenvolvimento do ser humano, mormente os de cunho popular, ajudam a resolver problemas de exclusão antigos, engendrando um conjunto de novas discriminações e distorções”. E aponta como uma das conseqüências danosas do neoliberalismo a redução dos espaços públicos para a discussão de problemas e encaminhamento de soluções.

Infância e juventude roubadas - A presença de crianças e jovens no mundo do crime é um dado que gera medo e apreensão na sociedade. Mas, de acordo com estudos feitos pelo Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (Ilanud), os crimes graves atribuídos aos adolescentes no Brasil não ultrapassam 10% do total de infrações. Conforme a pesquisa, entre os crimes cometidos pelos jovens na faixa etária de 14 a 18 anos, 70% são contra o patrimônio. Mesmo assim a idéia de redução da idade penal para excluir este contingente do convívio social é uma proposta bastante discutida. Esta solução representa simplificar uma questão muito mais complexa, afirma o professor.

“Se o Estado não está presente como devia, não é eticamente justificável enjaular menores de idade que no fundo são vítimas do processo histórico de alienação na endemia social”, diz ele, acrescentando que não significa “ser alienado, há que se acreditar nas leis, há que se aplicar as normas penais, desde que haja condições de eficácia dessas decisões.” A título de exemplo de ponderação na aplicação da lei, o professor comenta que no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, mesmo nos casos de furto e roubo, com condenação e mandado de prisão decretada, não se pode prender se o Estado não cumpre minimamente com as exigências de encarceramento.

Modernidade jurídica - Uma outra visão ética e de fundamentação hermenêutica aplicada no processo judicial, desde a sua fase instrutiva e mesmo administrativa, é fator que o professor Edmundo Lima de Arruda avalia como importante. “Ainda impera na cabeça dos nossos juristas, professores, magistrados, uma visão muito estreita da aplicação das normas. Eu nem afirmo que isso se deva à visão positivista que pressupostamente receberam. No fundo, se a visão destes juristas fosse legalista de feito constitucional, isso seria um avanço. O que se reproduz à casta dos juristas é a tendência à subserviência, pela atração pelo nepotismo, pela corrupção, pela troca de favores etc. Mas esses traços pré-modernos vêm sendo questionados por todo um conjunto de novos operadores do direito, que postulam mais modernidade jurídica, colocando-se um fim no patrimonialismo, ainda vigente em alguns estados brasileiros”, comenta.

A necessidade de modernidade jurídica se justifica também pela distinção entre crimes e criminosos. Edmundo comenta a diferença

entre crimes. Existem os contingenciais, em que aquele que contraria a lei é um ser humano perfeitamente entrosado, com emprego, família, relacionamentos sociais etc. Existem os crimes passionais, como brigas de trânsito, por exemplo. Há também os crimes que revelam doenças, caso dos estupros e estupros seguidos de morte, que merecem um mescla de psicanálise e psiquiatria, com outra forma de isolamento social que não o presídio. O estelionato é caso sem possibilidade alguma, ou mínima, de “cura”. Mas, destaca o professor, mais de 60% dos crimes são contra o patrimônio e têm na população pobre e negra os seus autores, que viram réus, e se reproduzem em verdadeiras escolas do crime. Ele destaca, talvez como sinal de um possível ponto de partida para reverter a insegurança, que “o crime sendo uma anomalia merece uma regulação social, não uma condenação punitiva que cheira vingança: quem planta vingança colherá...”

O jurista vê como uma das origens da violência um certo paradigma industrial, hoje implodido pela sua decorrência e implicações financeiras, sem contar o estrago ecológico que nos coloca em situação dramática enquanto seres humanos, em vias de curto-circuito da reprodução. Deste limiar ele conclui que a saída não está nas vanguardas, mas na ampliação de fóruns de discussão de problemas cada vez mais complexos que se sucedem numa sociedade multifacetária e multicultural. E acredita que será “na política, na sua arena, na sua capacidade de filtragem de interesses, na legalização de novos reconhecimentos e na eficácia de todas as dimensões dos direitos humanos que saberemos se a barbárie ou a humanidade prevalecerá”.

Em uma análise da conjuntura atual, Edmundo Arruda pondera que, não obstante o Brasil se encontrar entre as nações com grandes contrastes, também se reconhece que nosso país vem mudando em muitos aspectos no que diz respeito a um acerto de contas com as exclusões que ele criou e ampliou em vários domínios, com os negros, com os índios, com os trabalhadores em geral. O certo é que se Lula alinha-se às políticas mais amplas do neoliberalismo, também tem propiciado mudanças no aumento de consumo protético de amplas camadas da população em estado de pobreza, mas não mais na condição de miserabilidade absoluta.

Aos que postulam trabalho, em princípio a crise do capital reforça a crise civilizatória, mas há outros cenários e outras alternativas em razão da perda crescente da hegemonia dos EUA e da emergência da China, da Índia, e na América Latina, por certo, do Brasil. Nas relações internacionais parece aberta a via para novas recomposições e novos equilíbrios de poder. Há entres as elites que fazem as mudanças uma consciência de que a acumulação não tem sentido se não acompanhadas pela distribuição de renda e pela ampliação do consumo, e que o consumo deve ser um consumo que encare a cadeia entre produção e consumidor como algo autossustentável – vale dizer, que “o sistema não pode se suicidar”.

Regulamentação da Lei Catarinense de Inovação aproxima universidades e setor produtivo

Ato do governador Luiz Henrique foi prestigiado pelo ministro Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia

Moacir Loth
Jornalista na Agecom

Tendo como testemunhas, entre outros, o ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, o reitor da UFSC, Alvaro Prata, e o presidente da Fapesc, Antônio Diomário de Queiroz, foi assinada pelo governador Luiz Henrique da Silveira, na Casa d'Agrônoma, em Florianópolis, a regulamentação da Lei Catarinense de Inovação. O novo marco legal viabiliza a relação público-privado, permitindo e facilitando a cooperação científica e tecnológica entre universidades e setor produtivo. A elaboração do decreto contou com a colaboração direta da sociedade catarinense, envolvendo, sob coordenação da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado (Fapesc), empresários, universidades, pesquisadores e representantes do poder público. Antes também foi aprovado pelo Conselho Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação (Conciti). Santa Catarina, segundo o governador, é o primeiro estado do País a regulamentar a íntegra da nova lei.

O decreto regulamenta a Lei 14.328, de 15 de janeiro de 2008, que estabelece medidas de incentivo à pesquisa científica e tecnológica e à inovação no ambiente produtivo, visando à capacitação em ciência, tecnologia e inovação, o equilíbrio regional e o desenvolvimento econômico social sustentável do Estado, de acordo com os artigos 176 e 177 da Constituição de SC. Igualmente contempla e esclarece conceitos de inovação, processo, agência de fomento, instituição científica e tecnológica e de apoio, núcleo de inovação, criação, criador,



Foto: James Tavares

(da esq p/ dir) Dário Berger, Sérgio Rezende, Diomário de Queiroz, Luiz Henrique da Silveira e Leonel Pavan; lei teve colaboração da Fapesc e de empresários, universidades, pesquisadores e representantes do poder público

pesquisador público, inventos independentes, parque tecnológico, incubadora de empresas, arranjo produtivo local e sistema de ciência, tecnologia e inovação (CT&I).

"O documento estabelece medidas de incentivo à pesquisa científica e tecnológica e à inovação no ambiente produtivo, visando à capacitação em ciência, tecnologia e inovação, o equilíbrio regional e o desenvolvimento econômico e social sustentável, respeitando a Constituição Estadual", sublinha o ex-reitor da UFSC Antônio Diomário de Queiroz. O texto foi amplamente discuti-

do pelo Conselho Superior da Fapesc, pelas universidades, pelas empresas inovadoras e pelo Governo. "Trata-se de um documento bastante avançado, adequado à realidade e às necessidades do desenvolvimento regional", acrescenta.

A partir da regulamentação, as instituições científicas e tecnológicas de Santa Catarina, as chamadas ICTESCs, poderão celebrar acordos para desenvolver projetos de CT&I com instituições públicas e privadas dos diversos segmentos do setor produtivo catarinense. Dos recursos destinados à Fapesc, pelo

menos 10% serão aplicados em subvenção econômica, preferencialmente para o estímulo à inovação nas empresas catarinenses de micro, pequeno e médio portes. Cabe à Fundação, como agência de fomento executora da política estadual de ciência, tecnologia e inovação, manter arquivo da documentação que comprove a qualificação como instituição científica de órgão ou entidade da Administração Pública de Santa Catarina que tenha por missão institucional executar atividades de pesquisa básica ou aplicada de caráter científico ou tecnológico.

Já no caso dos recursos endereçados à Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A.), 70% serão empregados na folha de pagamento de pessoal vinculado diretamente à pesquisa agropecuária. Do restante, metade vai ser investida em projetos de pesquisa e inovação tecnológica e metade em pesquisa agropecuária.

A regulamentação da Lei de Inovação, que foi aprovada pela Assembléia Legislativa em janeiro de 2008, facilita a parceria entre a academia, o setor produtivo e o poder público, possibilitando a concretização dos benefícios previstos pela Lei de Inovação Tecnológica Nacional. "O nosso processo é pioneiro no País e deve fazer escola", assinala o governador Luiz Henrique.

Para o reitor Alvaro Prata, a Lei da Inovação vai estimular ainda mais a intensa cooperação científica realizada há décadas pela UFSC. Deve, na sua opinião, fortalecer a vocação científica e tecnológica da Instituição, inclusive através da atuação das fundações de apoio à pesquisa, recentemente recredenciadas pelo Conselho Universitário.

Florianópolis terá Centro de Referência em Farmacologia Pré-Clínica

Arley Reis
Jornalista na Agecom

O visita do ministro da Ciência e Tecnologia Sérgio Rezende em Florianópolis no início do mês de junho confirmou recursos para implantação do Centro de Referência em Farmacologia Pré-Clínica. Tornar o país menos dependente de tecnologias internacionais é apenas um dos objetivos do setor que receberá financiamento de R\$ 6 milhões da Finep e do Ministério da Saúde. Os recursos serão repassados à Fundação Certi, conforme convênio assinado com a Finep e Ministério da Saúde. Dessa forma o Centro será privado e sem fins lucrativos, características necessárias ao estabelecimento de parceria com as empresas. Mais tarde deverá se tornar independente.

O Centro será construído no Sapiens Parque, com área de aproximadamente dois mil metros quadrados. A partir da experiência dos pesquisadores do Departamento de Farmacologia da UFSC, vai apoiar a pesquisa, desenvolvimento e inovação para atender a demanda da indústria farmacêutica nacional.

"O Brasil possui um dos maiores mercados de medicamentos do mundo, e um parque industrial moderno. Mas

essas indústrias ainda dependem da importação de matérias-primas de países mais desenvolvidos", lembra o professor João Batista Calixto, do Departamento de Farmacologia da UFSC, coordenador da equipe que vai estruturar o Centro de Referência em Farmacologia Pré-Clínica.

"O desenvolvimento de uma política nacional que possibilite o crescimento e a estruturação da cadeia produtiva no setor de fármacos e medicamentos é de fundamental importância para o Brasil, não somente em termos financeiros, mas por se tratar de uma área de extrema relevância para a soberania nacional", complementa o pesquisador.

Segundo ele, o Centro será estruturado para realizar estudos de farmacodinâmica, farmacologia de segurança e de toxicidade em roedores e não roedores (cães), para atender a demanda das indústrias farmacêuticas nacionais. Também permitirá que a universidade amplie a formação de recursos humanos na área de desenvolvimento de medicamentos.

Dessa forma o setor pretende cooperar com os ministérios da Saúde; do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, com agências federais e estaduais de fomento à pesquisa, para consolidação do setor de pesquisa e desenvolvimento na área de fármacos.

Contribuir para aumentar o número de depósito de patentes internacionais por parte das indústrias farmacêuticas nacionais, para geração de produtos inovadores e desenvolvimento de medicamentos de interesse do Sistema Único de Saúde (SUS) são outras metas do setor.

Saiba Mais:

- As primeiras parcerias do Departamento de Farmacologia da UFSC com o setor produtivo surgiram na década de 1990, com indústrias como Laboratório Catarinense, Laboratório Ache, Laboratório Biosintético, Laboratório Biolab Samus, Farmasa, Eurofarma, Centiaflora, Natura, Platarium, Ypioca Agroindustrial e Ybios.

- A partir dessa cooperação foi possível o desenvolvimento de mais de 50 projetos de pesquisa e o depósito de 12 patentes no Brasil e exterior.

- Foram também gerados dois produtos farmacêuticos que estão no mercado nacional: o anti-inflamatório Ache flan, obtido da planta *Cordia verbenácea*, realizado em parceria com o Ache Laboratórios, totalmente desenvolvido no Brasil. E o cosmecêutico Natura Chronos Favonóides de Passiflora, lançado no mercado em outubro de 2007.



Foto: Valdemir Cunha/ Arq & Construção

Telhados claros

O professor Roberto Lamberts, do Departamento de Engenharia Civil da UFSC, foi citado em texto da revista *Arquitetura & Construção* (maio 2009) que fala de um estudo do Laboratório Nacional Lawrence Berkeley, da Califórnia (EUA), sobre a importância dos telhados brancos no combate ao aquecimento global. Essas coberturas absorvem 80% do calor externo, reduzindo as ilhas de calor e as temperaturas internas, diminuindo assim o uso do ar condicionado, que potencializa a emissão de CO₂. Especialista em eficiência energética, Lamberts afirmou que, "no Brasil, essa solução teria um efeito ainda maior se incluíssemos também as fachadas, como já se faz na costa do Mediterrâneo há séculos".

Ombudsman

O Nome

Escrevo ao *JU* meia hora depois de saber, com desagrado, que o Supremo Tribunal Federal derrubou a exigência de diploma de jornalismo para o exercício da profissão, alegando, entre outras coisas, que exigir o diploma é contra a Constituição Federal, dificulta a liberdade de expressão e que não há necessidade de conhecimentos técnicos para atuar no jornalismo. No mesmo dia, admirava o quanto o *JU* havia evoluído nos últimos tempos, com fotografias belíssimas, uma diagramação de causar inveja aos grandes jornais, matérias interessantíssimas e tão bem escritas que, ao pedido do editor Moacir Loth para que eu deixasse aqui algumas linhas com minha impressão sobre o novo *JU*, fiquei encabulada e travada para escrever. As palavras me faltaram e, como um aprendiz de jornalista, já não sabia o que escrever para demonstrar meu apreço a toda equipe do *JU* pela atual apresentação do *Jornal Universitário*, tão colorido e bonito, por onde também passei, quando ainda o editávamos em preto e branco. Tudo isso me remeteu, com saudade, aos meus primeiros passos na profissão quando iniciava o curso de Jornalismo, em Porto Alegre, na Faculdade dos Meios de Comunicação Social, da Pontifícia Universidade Católica, onde me formei. Orgulhosa pela escolha feita, abracei e exerci com dignidade o jornalismo até a aposentadoria.

Sentiamo-nos, então, os profissionais do futuro, aqueles que modificariam o mundo com suas palavras, denunciando, informando, criticando, elogiando, mostrando, orientando, através das letras, quando nem éramos ainda capazes de escrever uma pequena notícia sobre os acontecimentos do nosso final de semana, como comprovou a professora Eunice Jacques, numa das primeiras aulas de redação, criticando a maioria dos alunos por suas redações de escola primária. Longe estávamos das notícias, como longe estarão hoje os que sem curso se aventuraram nas redações. Poderão talvez, até melhor do que muitos profissionais, escrever crônicas, contos, artigos (de fundo, como se dizia nas antigas), mas sem a devida habilitação terão dificuldades para escrever notícias e reportagens, completas de informações, sem distinção às fontes de direita e de esquerda.

Uma das primeiras dificuldades que enfrentamos no jornal de estreia, dentro das aulas de redação, foi a escolha do nome que daríamos ao periódico. Pretendíamos começar causando impacto com a nova publicação, fazer história, se possível, daí todo o esforço gasto por 25 cabeças pensantes para a escolha do nome do tal jornal. Como sonhamos alto e cometemos tolices na juventude, me divirto hoje, pensando nisto, quando vejo a transformação que a imprensa sofreu ao lon-



go dessas três décadas. Durante semanas, inventamos nomes, pesquisamos, copiamos, perguntamos, discutimos e votamos, sem chegar a um acordo que fosse do agrado de todos. Até que alguém iluminado, diante de tanto tempo perdido e controvérsias, sugeriu chamar o periódico simplesmente de "NOME", já que esta havia sido a palavra mais usada naqueles dias. Assim, nasceu nosso jornal batizado apenas de "NOME" e datilografado em diversas máquinas de escrever com os mais variados tipos de letras. Cheirava a álcool, não o das cervejinhas bebidas nos barzinhos que os estudantes frequentavam em Porto Alegre, depois da aula, mas do mimeógrafo. Era MÍMEOGRAFADO, gente! Vocês conhecem esta palavra? Sabem o que significa? Era, à época, no nosso curso, a mais moderna forma de reproduzir e multiplicar textos. Uma máquina manual, alimentada a álcool. Não lhes parece que isso aconteceu há milhares de anos? Não, isso se passou há quarenta anos, bem no ano em que, felizes, comemorávamos a exigência do diploma de jornalista. As letras saíam borradas como uma cauda de cometa. Escuras eram as fotografias, dando a impressão de que tudo acontecia durante a noite, bem diferente do que hoje podemos ver nas páginas do *JU*. Não consigo imaginar como serão os jornais dos alunos dos cursos de jornalismo e das universidades nos próximos quarenta anos. É bem capaz que estejam em chips implantados em algum lugar da cabeça, passando a informação diretamente ao cérebro, sem gastar os olhos e o tempo, mas com certeza nunca mais serão como o NOME, aquele do meu tempo e que ajudou a permitir que hoje eu estivesse aqui, com vocês, nas páginas do *JU*.

Bernardete dos Santos Viana
Jornalista aposentada pela UFSC

Foto: sxc.hu/ Mateusz Stachowski



Poesia

**inverno é par
cama de casal
trançar as pernas devagar
apimentar o cobertor
e o principal
não é apenas o ator
é a cena ancestral
poder amar**

**inverno é par
particular
salobro candelabro
luz e sombra
fauna e fogo
nas costuras da costela
um gosto meu
um osso dela**

Charles Silva é natural de Florianópolis, graduado em História e mestre em Educação (ambos pela UFSC) e autor do livro de poesias "do açúcar à pimenta" (2006).

Por Charles Silva



Celita Campos
Jornalista na Agecom

A direção do Hospital Universitário da UFSC homenageou no dia 22/06 o professor Polydoro Ernani de São Thiago, fundador do HU, com placa de prata por ocasião do centenário de seu nascimento. Na foto (*da esq p/ dir*) estão o secretário Municipal de Saúde, João José Cândido da Silva, o vice-reitor, Carlos Alberto Justo da Silva, o vice-diretor do HU, professor Felipe Felício, e Luis Carlos Polydoro Filho, representando a família. Esteve presente também o médico Antônio Silveira Sbissa, da Associação Catarinense de Medicina (ACM).

"Para o professor Polydoro as pessoas eram, primeiro, pessoas, e não doenças, e o médico ficava muito aborrecido quando um aluno seu via a doença em primeiro lugar", observou o vice-reitor da UFSC, Carlos Alberto Justo da Silva. Para o filho, Luis Carlos, o pai foi tão "espetacular" que o arrastou também para a Medicina.

Mais livros no campus

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Uma homenagem ao crítico literário e professor aposentado Lauro Junkes e uma conversa sobre literatura com escritores como Salim Miguel, Flávio José Cardozo, Cleber Teixeira, Regina Carvalho, Fábio Brüggemann e Dennis Radünz marcaram a inauguração oficial da Livros & Livros, no Centro de Cultura e Eventos da UFSC.

A livraria ocupa um espaço nobre dentro do campus e procura atender às necessidades da comunidade acadêmica. Com uma área de 200 metros quadrados e oferecendo também serviço de papeleria, a Livros & Livros fez da inauguração um ato simbólico de comemoração dos 21 anos da abertura da primeira loja, na rua Deodoro, no centro de Florianópolis.

Quando abriu a loja pioneira, em 1988, a Livros & Livros oferecia volumes novos e usados, de onde veio o nome da livraria. Depois, com o crescimento da

demanda por publicações na área acadêmica, Mayer abriu uma filial no Centro de Ciências Humanas da UFSC – uma loja de 20 metros quadrados que até hoje atende aos professores desta área.

Em dezembro de 2000, a livraria principal mudou-se para a rua Jerônimo Coelho, onde permanece, em modernas instalações e com um café que tornou o ambiente ainda mais descontraído. A loja virou um ponto de encontro de escritores e intelectuais e sedia muitos lançamentos de livros de autores de Santa Catarina.

Na loja da UFSC, Mayer agregou também os livros técnicos e de conteúdo científico que requer uma instituição de ponta, tornando ainda mais completa a gama de opções oferecidas aos leitores e pesquisadores. No futuro, a intenção é criar uma agenda cultural, com lançamentos de livros e outras programações, além de feiras com preços especiais e descontos programados para determinadas épocas do ano.

Foto: Paulo Noronha/ Agecom



(*da esq p/ dir*) O homenageado Lauro Junkes junto com os escritores Regina Carvalho, Flávio José Cardozo, Salim Miguel e Amílcar Neves

"Agradeço o envio do *Jornal Universitário*, e felicito a todos que integram essa equipe pela qualidade do trabalho desenvolvido. Peço retransmitir esta mensagem, em especial àqueles com quem já tive a oportunidade de trabalhar no *Diário Catarinense*".

Gonzalo Charlier Pereira - Executivo de Relações Institucionais - SC da Diretoria de Articulação com Estados e Municípios

JU dos leitores

Audiovisual Mercosul "constrói" sede na UFSC

Durante uma semana foram exibidos mais de 200 filmes de 12 países e produções de 13 estados brasileiros; o festival também propiciou espaço para fóruns de debates

Alita Diana

Jornalista na Agecom

O 13º Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM), estreou em casa nova: a UFSC. O auditório Garapuvu, do Centro de Cultura e Eventos, o maior do Estado, se transformou num gigante cinema, recebendo todas as noites, de 5 a 12 de junho, cerca de 1.400 pessoas. No encerramento - premiação e exibição do longa Budapeste - a lotação foi esgotada, muitas pessoas não puderam entrar. Além do Garapuvu, os filmes e as mostras se espalharam pelo campus, sendo exibidos nos Centros de Ensino e no Teatro.

O reitor Alvaro Prata, na cerimônia de abertura, disse: "Estamos reafirmando o compromisso da Federal de Santa Catarina com a arte e a cultura", ressaltando a possibilidade da universidade sediar de maneira mais permanente o FAM, "inclusive em edições subsequentes."

Durante uma semana foram exibidos mais de 200 filmes de 12 países e produções de 13 estados brasileiros. Além do espaço de discussão dos fóruns, o FAM foi uma vitrine de preciosidades, como o longa de animação *Martín Fierro*, sobre o popular herói argentino; raridades, como o curta de animação francês *O ladrão de para-raios*, de 1994, oportunidades, como a de assistir ao longa galego *Los muertos van deprisa*, e o documentário vencedor do *É tudo verdade* de 2009, *Cidadão Boilesen*, que desvelou ligações de empresários, com a repressão, na ditadura militar brasileira.

O FAM atraiu universitários, cinéfilos de todas as idades e também

centenas de crianças, de escolas da Grande Florianópolis, que assistiram à Mostra Infanto-Juvenil e se divertiram e se emocionaram com filmes como *Calango Lento*, *morte e vida sem ver água*. No curta, a Morte vem buscar o lagarto, que está morrendo de sede na seca do Nordeste. Mas, invocada, Nossa Senhora Aparecida chega para ajudar.

Para os estudantes do Curso de Cinema da UFSC o FAM foi um laboratório para elaboração de críticas que podem ser lidas na *Revista Punctum*, onde há também críticas de professores sobre filmes e sobre os painéis www.punctum.ufsc.br

Para a professora Maria de Lourdes Alves Borges, Secretária de Cultura e Arte da UFSC, "foi muito importante para a Universidade receber o FAM, um dos maiores festivais da América Latina. Abrimos o Centro de Cultura e Eventos para a comunidade e oferecemos uma aula magna de cinema aos nossos alunos. Consideramos que a experiência de participar de um festival como o FAM auxiliará nossos estudantes a produzirem cinema de qualidade".

Mais uma vez o Laboratório de Educação a Distância (LED) da UFSC transmitiu, ao vivo, cerimônias e fóruns do FAM. O destaque de 2009 foi a qualidade: o dobro de resolução em relação ao ano passado, porque a conexão interna da UFSC é superior à do Centro Integrado de Cultura (CIC), onde o evento acontecia.

Os painéis dos fóruns e as cerimônias de abertura e encerramento estão disponíveis para visualização, a qualquer momento em: <http://tvled.egc.ufsc.br/BIBLIOTECA/FAM2009>

Fotos: Daniel Guilhamet



O Centro de Cultura e Eventos se transformou num gigante cinema, recebendo todas as noites, de 5 a 12 de junho, cerca de 1.400 pessoas.



Foto: Divulgação



Cena do filme Budapeste, que, junto com a premiação, foi a atração da última noite: lotação esgotada e muita gente a ver navios